



O Dia dos Namorados atraiu muitos casais aos restaurantes mais badalados da cidade

● PAG. 3



Grupo animado no restaurante Oito, do Hotel Blue Tree São Luís

Para o filósofo espanhol Javier Esteban temos o mais pleno direito de ficar bêbados

● PAG. 7

Divulgação/Herbert Alves



ELIZABETH

Pereira Rodrigues é a mais nova personalidade a receber a Medalha do Mérito Legislativo Manuel Beckman. E encantou a plateia com um discurso emocionante, pontuado de referências familiares e conquistas nacionais e internacionais

PAG. 4 e 5

Dez entre dez mortais adoram viajar, vislumbrar novas paisagens. Chamam-lhes a atenção as pirâmides do Egito, as misteriosas esculturas da Ilha de Páscoa, as fantásticas lendas de Macchu Picchu, as paradisíacas praias do Brasil, as gigantescas edificações de Wall Street, os deslumbrantes museus que as ruas, praças e igrejas de Roma, Florença e Veneza oferecem aos nossos olhos, a Grécia, com seus recantos e encantos, os mistérios e magias da Turquia, a contemplação incomparável da festa de Paris. Mas a verdadeira, grande e única viagem quase sempre fica ali, aguardando, pacientemente, que o seu mortal se resigne a comprar o vauche da sua própria vida.

A viagem ao interior de si mesmo.

Qual seria, então, a verdadeira viagem? A de Proust, quando afirma: "A verdadeira viagem da descoberta não consiste em sair à procura de novas paisagens, mas, sim, em possuir novos olhos?"

Aos 12 anos, deixei para trás a minha terra natal e trilhei os caminhos rumo a uma grande cidade em busca de paz, felicidade e

ÁGUAS DA INFÂNCIA

A verdadeira, grande e única viagem é a viagem ao interior de si mesmo

reconhecimento social e profissional. O sucesso era muito importante para mim!

Passaram-se muitos, muitos anos, e neste período da minha vida sobrava tempo e disposição para visitar muitos, muitos lugares, em outros estados, países e até continentes. No entanto, a minha cidade natal continuava lá, esquecida, sublimada em minha memória. A motivação era nenhuma e a vontade de revê-la, menor ainda.

Até que, em uma certa noite, eu a visitei, e mais outra noite e várias noites se seguiram, sem que eu tivesse sossego, revendo, em so-

nho, tudo o que eu, consciente ou inconscientemente, havia determinado apagar da minha memória.

Assim como Sócrates afirma em Fédon (Diálogos, Platão), "entendi que o sonho me exortava e me incitava a fazer o que justamente fiz em minha vida passada".

Recordando Freud, "a interpretação do sonho é a via real que conduz ao conhecimento do inconsciente".

O que seria o conhecimento do inconsciente, senão o conhecimento de si próprio, pergunto eu?

Agora o meu passado já não mais era evocado através de paisagens oníricas. Transcorria frente aos meus olhos não como um filme projetado na tela do inconsciente, mas como um filme vivo, colorido, atual, quem sabe até concorrendo ao meu próprio Oscar?

A minha criança cansada, repito, cansada de se expressar através do onírico, povoou de vez os meus pensamentos, como se dissesse: "Chega, eu estou aqui e quero ser ouvido".

Algum tempo depois, vislumbrando a mais bela paisagem que até então já havia visto em toda a minha vida, a da Lagoa do Binga da minha infância, com emoção descobri que lá estava ela. Ingratamente apagada da minha memória, do meu passado, da minha vida, lá estava ela, secular, imortal, esperando por mim.

Então eu tive a resposta e com ela a verdade.

A verdade que em seu simbolismo era a lagoa que retinha a água da vida, resplandecente como o cristal, e em suas margens a minha árvore de vida, raiz e geração da minha alma imortal, reinando agora por séculos e séculos, finalmente liberta.

Fotos/Divulgação/Instagram



ATLETA PORTUGUÊS É O BELO DA COPA

Beleza não tem gênero. Ela se impõe por si mesma. A beleza está na autenticidade, na autoexpressão e na forma como cada pessoa se apropria da própria identidade, ultrapassando velhos padrões e rótulos.

Um exemplo: o atleta Pedro Neto, atacante da Seleção Portuguesa e do Chelsea. Ele foi eleito o jogador mais bonito da Copa do Mundo 2026 pelos internautas. O assunto viralizou nas redes sociais e já conquistou uma legião de fãs durante a competição, destacando-se pelo seu carisma e aparência.

Explico: Pedro Neto se tornou um dos nomes mais comentados da competição

após viralizar em publicações que destacam seu visual e carisma. O atleta português conquistou admiradores de diversas partes do mundo e vem acumulando elogios nas redes sociais.

A repercussão foi tão grande que muitos internautas passaram a debater quem seria o jogador mais bonito do Mundial. O nome de Pedro Neto aparece frequentemente entre os favoritos nas publicações sobre o tema.

Além da popularidade fora dos gramados, o português também busca ajudar sua seleção dentro de campo, sendo uma das peças importantes da equipe durante a competição.



Somos o esquecimento que seremos

Aplicar ao indomável espaço da memória o filtro da literatura tem sido um gesto recorrente nos últimos séculos literários, com resultados que oscilam entre o monumento verbal e o registro que se perderá ainda mais depressa do que a memória que o originou.

Num livro tão comovente como lúcido, Héctor Abad Faciolince reconstrói as memórias do seu pai, um médico que dedicou a vida à luta pela igualdade e pela justiça social e que acabou assassinado pelas mãos dos paramilitares colombianos.

Héctor, o filho, cruza as primeiras recordações que guarda do pai com a formação da sua própria identidade, abrindo o texto com uma longa evocação da infância em Medellín.

A presença do pai é o vértice por onde o filho organiza a sua própria narrativa, mas onde o sentimentalismo podia ganhar terreno à literatura, a lucidez do narrador impõe-se, mostrando uma personagem venerada, generosa e muito amada, mas nunca uma sombra elogiosa. O pai do narrador é aqui lembrado não só pelas suas qualidades, mas sobretudo por tudo o que partilhou com o filho.

Somos o esquecimento que seremos...2

A memória, é sabido, é mais construção do que desfile factual e Héctor Abad confirma-o com um texto que lembra o passado, mas que tem o futuro como linha do horizonte: no verso de Borges que dá título ao livro está a certeza de que tudo se esquece, mas também a vontade de o evitar, missão mais nobre entre todas as vaidades humanas.

Beija-Flor e o Congresso Nacional

No Carnaval de 2010, a Escola de Samba Beija-Flor desfilou na passarela da Marquês de Sapucaí com um enredo em homenagem a Brasília, que estava completando 60 anos de fundação.

A Escola de Samba apresentou uma ala em que foram lembrados os parlamentares que representavam os estados brasileiros no Congresso Nacional na época da inauguração da nova capital do país.

Para refrescar a memória, nada melhor do que evocar os nomes dos parlamentares do Maranhão que em 1960 ocupavam cargos eletivos no Congresso Nacional.

No Senado: Vitorino Freire, Eugênio Barros e Sebastião Archer da Silva.

Na Câmara de Deputados: Newton de Barros Bello, Renato Archer da Silva, Cid Carvalho, Antônio Jorge Dino e Miguel Bahury, do PSD. Henrique de La Rocque Almeida, José Sarney, Neiva Moreira e Clodomir Millet, das Oposições Coligadas.

Dessa geração, resta vivo apenas José Sarney, hoje com 96 anos de idade. E muito lúcido.

Restos mortais

Nos últimos anos virou moda transformar-se num diamante, após a morte, em vez de ser enterrado em um caixão ou ser cremado.

Ao custo de alguns milhares de euros e graças a uma sofisticada transformação química, uma empresa suíça, atualmente, garante ao falecido reservar seu lugar na eternidade sob a forma de um diamante humano.

Na Suíça, a empresa Algordanza recebe a cada mês entre 40 e 50 urnas funerárias procedentes de vários lugares do mundo.

Seu conteúdo será pacientemente transformado em pedra preciosa.

Restos mortais...2

Quinhentos gramas de cinzas bastam para fazer um diamante, enquanto o corpo humano deixa uma média de 2,5 a 3 kg depois da cremação.

Ou seja, cada defunto pode gerar uns 5 diamantes ou mais, dando, assim, para distribuir para toda a família.

Os restos humanos são submetidos a várias etapas de transformação. Primeiro, viram carbono, depois grafite. Em seguida, são expostos a temperaturas de 1.700 graus e, finalmente, se transformam em diamantes artificiais, num prazo de quatro a seis semanas.

Na natureza, o mesmo processo leva milênios.

Restos mortais...3

Já pensou poder levar seu ente querido, depois da morte, em um colar ou anel? Se perguntarem sobre o falecido, você vai poder dizer: "Ele é uma jóia". Se roubarem o diamante é que é o problema, pois você vai ter que gritar: "Roubaram o defunto! Pega ladrão!"

O preço desta alma translúcida oscila entre 3.000 e 12.000 euros, segundo o peso da pedra (de 0,25 a um quilate).

A indústria do 'diamante humano' está em plena expansão, com empresas instaladas na Espanha, Rússia, Ucrânia e Estados Unidos.

No Brasil já estão fazendo experiências nesse sentido.

Vinho virou moda

O ator espanhol Antonio Banderas é uma das mais novas celebridades a virar dono de vinícola.

Há alguns anos ele comprou 50% de uma sociedade em uma área de vinhedos na beira do Rio Duero, no norte da Espanha.

Outros famosos que são obcecados por vinho incluem o ator Michael Douglas, o ator Gérard Depardieu e o diretor Francis Ford Coppola.

A propriedade de Antonio Banderas, de 230 hectares, produz vinhos Cabernet Sauvignon, Merlot e Tempranillo.

Vinho virou moda...2

Entre nós, uma constatação: atualmente, mesmo pessoas que não tinham o hábito de consumir bebidas alcoólicas, estão se permitindo ao menos uma taça de um bom vinho tinto nos fins de semana ou em reuniões sociais.

Apesar do prestígio dos champagnes e espumantes, crescem as vendas de vinho tinto, pelas suas qualidades terapêuticas.

O vinho tinto que, além de ajudar na prevenção de problemas cardíacos, hipertensão e câncer, segundo um amigo meu, "é uma espécie de habeas corpus médico para o consumo do vinho".

Vinho virou moda...3

E o vinho branco? Esquecidos por causa da valorização dos tintos, os vinhos brancos resistem: uma bebida perfumada, levemente ácida, quase gelada, o cálice suando com pequenos pingos que escorrem, a cor de palha esmaecida e seus reflexos que brilham.

Vinho branco é leve, elegante e saudável. Combina com tardes alegres e noites promissoras...

Vinho virou moda...4

Todos sabem que na hora de beber o vinho o certo é pegar a taça pela haste. Agora, pergunto eu: E a garrafa? Como é que se pega uma garrafa para servir um vinho?

Quem dá a resposta é o grande escritor inglês Somerset Maugham, cujo vulto sempre passa por mim quando estou em Londres: "Garrafas a gente pega pelo gargalo. Mulheres é que se pega pela cintura".

Memórias e blogues

A tradição memorialística, que na literatura portuguesa tem em Miguel Torga e Vergílio Ferreira dois dos seus expoentes, poderá estar se perdendo com a proliferação dos blogues.

Mas ainda há quem registre os seus pensamentos e rotinas fora da internet, conferindo-lhes uma posteridade com que as leituras apressadas na tela convivem mal.

Há pouco tempo, numa visita a Portugal, li o segundo volume do diário de Luísa Dacosta, que nos remete para um universo de escrita onde o trabalho se faz a partir dos livros lidos e das notas tomadas em papel ou na máquina de escrever, sem que a ausência de hiperligações seja sinônimo de pouco diálogo.

Com entradas que abrangem o arco temporal que vai de 1990 a 2005, Um Olhar Naufragado (que sucede a Na Água do Tempo) registra trabalhos em curso, leituras e reflexões sobre a cultura e a sociedade, mas também afetos e partilhas, muitas vezes através da correspondência, colocados no mesmo nível do trabalho intelectual por serem parte inepugnável desse processo diário de pensar e reagir.

Memórias e blogues...2

Há temas recorrentes, como a educação e as suas constantes reformas nem sempre produtivas, as viagens, que a autora registra em apontamentos de um forte lirismo, a condição da mulher, e concretamente da mulher intelectual, equilibrando o seu trabalho e a postura que a sociedade espera dela, ou as leituras, que vão de António José Saraiva a George Sand, num espectro larguíssimo onde o diálogo com o pensamento de cada autor é nota dominante.

Mas é o tempo e a consciência da sua indelével passagem que Luísa Dacosta registra a cada capítulo, num exercício que deve mais à vontade férrea de preservar a memória daquilo que realmente importa do que a qualquer gesto de autocomiseração face à idade que avança ou à certeza do inevitável ponto final.

Nesse diário, a autora escreve contra o esquecimento, mas em momento algum se descuida do rigor, do estilo e do privilégio da reflexão, sem vestígios de deambulações egocêntricas que são, muitas vezes, o risco maior de um diário.

Sonhando com terras distantes

Escrever crônicas é viver em voz alta, dizia Rubem Braga, que certa vez dividiu uma mesa comigo no antigo restaurante "A Varanda", de Maria Castelo. Ao que ousou acrescentar que, num portal tão lido como o Imirante.com, é também conhecer pessoas agradáveis e ser apresentado volta e meia a teses inusuais.

Libertei esses tempos certos conceitos baldios sobre viagens.

Uma amiga que aqui chamarei de Z, tomou da pena para declarar que as viagens são, na real, uma reverenda droga (em verdade, a palavra de que se valeu foi um tanto mais contundente).

Contou ela que chegou a ser uma turista de larguíssima milhagem, mas hoje a simples ideia de comprar uma passagem lhe provoca urticária. Se você vai ao Exterior, argumenta, precisa estar no aeroporto duas horas antes da partida – e isso se não for época de apagão aéreo. A classe econômica dos aviões de longo curso é no geral uma lata de sardinhas. Ninguém pode espichar as pernas, os cotovelos se colam e o serviço de bordo caiu na mesma proporção do lucro das empresas.

Os hotéis, mesmo os carentes de estrelas, cobram os tubos. Nossa moeda ainda é uma ficção. E o pior: em toda excursão tem um chato que azucrina sem dó nem piedade a paciência de seus companheiros de jornada. Por essas e mais razões, Z, não consegue entender como eu posso encontrar prazer no que em verdade é uma tortura móvel.

Sonhando com terras distantes...2

Bem, Z., talvez pela infância que tive. Nas noites quietas de Presidente Dutra, a casa adormecida, eu ouvia o barulho distante das buzinas dos ônibus noturnos que atravessavam a pequena cidade e me pegava sonhando com terras distantes.

Mais tarde, já em São Luís, contemplava da sacada de um velho sobradão os navios que singravam as águas do rio Anil, em demanda do oceano, do infinito universo que principiava além da baía de São Marcos. E não conseguia esquecer as tantas vezes que escutei meus pais falando com seus amigos sobre a França, o país de sua terna predileção, que jamais chegaram a descobrir. (Da vez primeira em que pisei em Paris, pensei: não estou aqui por mim, mas por eles.)

Como percebes, Z., é um negócio atávico. Correr mundo é um castigo, como sustenta a tua teoria? Sinceramente, não creio. Até porque nas viagens, o tempo flui de um modo único e inimitável e não é raro que, em alguns minutos de plenitude, caiba a inteira eternidade.

Um sabor de infância

Sem dar muita bola para os fantasmas que ameaçam a tranquilidade de alguns destinos, muitos deles foram o berço da nossa civilização, uma diletta amiga deste Repórter PH, fez parte, em férias recentes, de um grupo de turistas de diferentes nacionalidades, todos se comunicando em inglês, que participou de um cruzeiro pelas Ilhas Gregas, fez pit stop em Istambul e mergulhou fundo nos mistérios do Cairo.

Sim, a amiga deu um mergulho na doce solidão de quem está descobrindo o mundo para um reencontro com Paris, no mais quente e luminoso verão de sua vida.

E numa manhã de sábado – e não porque era sábado, aquela jaculatória colhida no romântico canteiro de "frei" Vinicius de Moraes –, como também poderia ter sido numa manhã de qualquer dia da semana, do mês ou do ano, decidimos conversar sobre viagens.

Falei de minhas experiências como turista e contei que em minhas andanças por céus distantes há sempre dois momentos únicos – um deles é o da partida: bate-me suave a noção de que estou no limiar das gentes, das terras, das cenas, das vozes docemente estranhas com que vou conviver pelas semanas seguintes. É quando meu inquieto coração se preenche de brandas expectativas. E há o instante da volta. Sento nesta sala, ao som de minhas lembranças e de uma seleção de CDs eleita a capricho, e inventário o que vou confiar ao computador e o que vou guardar em meu inédito baú de memórias.

Um sabor de infância...2

Da amiga, registrei o denso e minucioso depoimento de quem soube escolher os destinos e deles registrou, com olhos de quem sabe ver, momentos únicos, intransferíveis e que não há borracha capaz de apagar da memória de uma pessoa sensível à beleza e às artes.

A propósito das emoções que conseguimos trazer na memória quando iniciamos a viagem de volta, o jovem filósofo e escritor suíço Alain de Botton analisou bem esse processo de que ninguém consegue se livrar. No livro A Arte de Viajar, ele se refere à sensação de felicidade que experimentamos quando, cansados, entramos no avião e a ele nos entregamos como a um libertador.

Se viajamos, uma paisagem adquire interesse maior quando a gente a compara com um quadro de Van Gogh, o pintor dos girassóis. Muitas vezes, buscamos lugares insignificantes materialmente, como é a casa onde Marcel Proust passava as férias em sua infância, na cidadezinha de Combray. Essa casinha vira palácio diante dos olhos do visitante que leu No Caminho de Swann ao pensar nas lembranças revividas por Proust ao descrever sensações de sua infância.

Um sabor de infância...3

Ao chegar ao destino programado, cumprir um roteiro e degustar uma viagem é preciso saber como superar os naturais percalços que o viajante enfrenta.

Alain de Botton chama a atenção que uma comida que seria banal servida em casa adquire novo sabor na bandeja do serviço de bordo do avião. É como fazer piquenique nas montanhas.

Para bem viajar, o esperto turista adapta-se ao espaço exíguo entre as poltronas. Mas apesar da exaustiva odisseia cumprida, ele se consola e valoriza a segurança ao acomodar-se na poltrona do avião com suas lembranças felizes.

É na viagem de volta, quando já estou com olhos gastos para a paisagem, que me concentro em labirintos interiores, não à procura do místico ou do filósofo que não serei; mas de uma distante crença que um dia preencheu de paz a alma do menino que fui.

Um sabor de infância...4

Alain de Botton chama a atenção que uma comida que seria banal servida em casa adquire novo sabor na bandeja do serviço de bordo do avião. É como fazer piquenique nas montanhas.

Para bem viajar, o esperto turista adapta-se ao espaço exíguo entre as poltronas. Mas apesar da exaustiva odisseia cumprida, ele se consola e valoriza a segurança ao acomodar-se na poltrona do avião com suas lembranças felizes.

É na viagem de volta, quando já estou com olhos gastos para a paisagem, que me concentro em labirintos interiores, não à procura do místico ou do filósofo que não serei; mas de uma distante crença que um dia preencheu de paz a alma do menino que fui.



Desembargador Jamil Gedeon Neto e Milina; à direita, Jacira Haickel

O ROMANCE NO AR NOS MELHORES RESTAURANTES

O Dia dos Namorados movimentou os principais restaurantes da cidade que tiveram casa lotada de casais movidos pelo amor.

Foi assim no Oito Restaurante, no Bistrô Grand Cru, no Mamma Restaurante, no Frango de Ouro e na Petisqueira da Mamãe, que viveram uma noiteada romântica com a melhor proposta gastronômica para tornar mais envolvente a noite de dezenas de casais apaixonados.



Davina e o cirurgião Raimundo Furtado



Daniella e Alfredo Duailibe Neto



Leopoldo Moraes Rêgo e Ruth



Marcone Rocha e Kátia com a filha Ana Clara e o namorado Luiz Eduardo Sereno Fernandes



Rayane e Rafael Maranhão Diaz, Jacira e Joaquim Haickel, Milina e Jamil Gedeon Neto, Mariléa e Gerson de Oliveira Costa Filho

Pra não dizer que não falei de namorados

1 O amor – o desejo de amar – a busca por alguém que nos leve a algum lugar bonito é o tipo de amor que o diretor Leos Carax pincela com tintas fortes em Os Amantes da Pont-Neuf: amores confusos, fortes, solitários, amargos e doces; amores de mentira – e tão reais.

Só depois de ver o DVD de Os Amantes da Pont-Neuf pude compreender o culto que se faz a ele. Basicamente se trata do encontro entre dois seres errantes que se tornam amantes de maneira bastante improvável e experimentam situações dignas dos melhores sonhos.

Não há espaço para a razão, quem dita a regra é a emoção. O enredo é bastante simples, a força do filme advém das inventivas imagens criadas por seu diretor.

2 Depois de um início de cunho documental, com imagens fortes e bastante sóbrias o filme muda de registro a partir da famosa cena onírica em que a garrafa aparece maior do que os personagens.

Daí em diante basta embarcar na loucura dos amantes de Pont Neuf e se deliciar com a Paris em festa.

O filme me invadiu pelo estômago. Talvez porque esteja nele o ápice da busca por um amor visceral, que consome e dá sentido à vida ao mesmo tempo.

Os dois protagonistas vivem um romance que ultrapassa os limites do politicamente correto.

3 Um amor esfomeado, sem teto, no frio de uma ponte abandonada, cheio de solidão, medos, insegurança, ciúme, entrega, desespero, vícios, cuidado, carinho. Mas, sobretudo, uma história de amor. Amor com fogos de artifício, danças, risos, choros e portes juntos.

Esse amor que, de alguma forma, todo mundo já viveu. Meio torto, quase errado, mas, na verdade, totalmente certo. Contradição que se sustenta sem grandes conflitos. Um amor que, apesar de todas as forças contrárias, resiste. Talvez amar seja simplesmente isso, um ato natural de resistência.

Primeira pessoa

Existe um livro espetacular que se chama Meu Nome É Vermelho. Foi escrito pelo turco Orhan Pamuk. O que mais me encanta é a forma como os seres inanimados e as coisas se expressam.

A cor vermelha fala, em primeira pessoa: "Uma vez, na Ásia Central, quando um belo aprendiz me passava com seu pincel na sela de um cavalo que um velho pintor cego desenhara de memória, surpreendi a animada discussão que dois pintores, também cegos, travavam a meu respeito".

Muitos me invocam e me veneram, mas poucos me compreendem.

Eu me pergunto o que a democracia diria diante do embate em seu nome travado por um empresário e um magistrado. Não tenho o talento de Pamuk. Por isso, estabeleci os parâmetros e os argumentos. Depois, submeti tudo a ferramentas de tecnologia. No fim, lapidei e dei forma ao texto a seguir:

Primeira pessoa...2

Eu sou a democracia. Muitos me invocam e me veneram, mas poucos me compreendem. Não sou apenas um nome vociferado em discursos acalorados.

Vejo-me agora nos lábios de dois homens poderosos, Elon Musk e Alexandre de Moraes. Cada um, a seu modo, jura ser meu defensor. Um, da cadeira de um gigante da tecnologia. O outro, do tribunal mais alto de um país que conheceu ditaduras e sonhou com a liberdade.

Musk fala sobre um espaço em que ninguém deveria ser silenciado. Para ele, sou um campo infinito e sem cercas, no qual tudo pode crescer, até mesmo ervas daninhas. No entanto, a liberdade que me define não é anarquia. Eu floresço com a diversidade de vozes, mas também com o respeito aos limites e às consequências das palavras e dos atos. Eu sou o diálogo equilibrado, não o grito irascível e ensurdecedor.

Moraes, por sua vez, empunha minha bandeira em nome da ordem, do controle e da justiça. Ele me vê como algo que precisa ser protegido, mesmo que isso signifique apertar os laços da liberdade.

Primeira pessoa...3

Não sou o controle absoluto. Movimento no espaço entre liberdade e responsabilidade. Minha essência é a balança, o equilíbrio, e não o punho de ferro que sufoca.

Sou feito de compromissos e de concessões mútuas.

Não sou perfeito: sou a oportunidade contínua de melhoria.

No final, sou eu que falo: estão usando meu nome em vão. Não sou um disfarce para o ego de poucos, sou a esperança de muitos.

Fotos/Divulgação/Herbert Alves



Elizabeth Rodrigues entre os deputados Wellington do Curso e Neto Evangelista



O deputado Wellington do Curso saudando a homenageada Elizabeth Rodrigues

UMA TARDE DE EMOÇÕES NA ALEMA

A educadora Elizabeth Pereira Rodrigues, Presidente do Conselho de Administração do Grupo Educacional Dom Bosco, foi condecorada com a maior honraria do Legislativo Maranhense, a Medalha do Mérito Legislativo Manuel Beckman, em uma solenidade marcada pela valorização da educação e pela emoção da homenageada.

A contribuição da homenageada à educação maranhense é vasta, nas esferas públicas e privada, e foram ressaltadas pelo Deputado Wellington do Curso, autor da proposta da homenagem. "A senhora fez e faz a diferença na educação, e hoje, a população do Maranhão reconhece e celebra o seu legado de trabalho em prol da educação" declarou.

Na mesa de autoridades além dele, estavam ex- alunos do Colégio Dom Bosco como o deputado Neto Evangelista e a Desembargadora Sônia Amaral. E mais, o Presidente da OAB-MA Kayo Saraiva; os procuradores de justiça Márcia Buhatem e Eduardo Nicolau; o juiz Francisco Jr.; o Pres. da ACM-MA Antônio Gaspar e o ex-deputado Joaquim Haickel.

Emocionada e feliz, Elizabeth

não apenas discursou, mas encantou a plateia de forma eloquente e animada. Suas primeiras palavras foram de agradecimento àqueles que são sua base maior – a família: "Meus 5 netos, a quem devo minha nova concepção de mundo. Minha irmã de alma e de trabalho ao longo da vida. Ceres. Meus filhos Isabella e Evandro Luiz, com quem compartilho esta homenagem. Minha mãe Maria Izabel, aquela que criou o sonho. A responsável por nascer em mim a educadora. Meu Pai, Luiz Pinho Rodrigues, a inspiração dos princípios mais valiosos que um ser humano pode alcançar", disse sem conter a emoção.

E fazendo valer a professora de história que marcou diversas gerações de alunos do Dom Bosco com suas aulas, a homenageada ainda pincelou fatos históricos que enriqueceram seu discurso de agradecimento.

"O termo honraria tem origem no latim honor ou honoris, contendo a ideia de respeito, de reconhecimento público por mérito ou serviço prestado. A medalha traz consigo honra e responsabilidade pelo nome que carrega: Manuel Beckman. O primeiro mártir da Independência

do Brasil, 108 anos antes da Inconfidência Mineira de Tiradentes. Responsabilidade pelo chamado para continuar marchando na causa da educação. O que evoca os ensinamentos da Antiguidade Clássica. Quando Demóstenes discursava, na Grécia, o povo dizia: – Vamos marchar! Era um chamado para agir. E tal qual o melhor dos professores ele fazia a diferença na vida do povo grego", declarou.

Uma apaixonada pela arte de educar, a homenageada enalteceu a missão que cada professor carrega consigo: "O professor é o artífice cujo principal ofício é desenvolver os sentidos. Para tanto, lança mão de metodologias, estratégias que abrem caminho para o aluno. Essa honraria suscita lembranças de uma menina professora, fascinada pela sala de aula como lugar de viagens memoráveis, ao longo de quase 30 anos" – destacou.

Sobre o que mais a realiza na vida, Elizabeth destacou: "Agrade-me o percurso da luz na escuridão, concebendo cada amanhecer; realiza-me o alcance da educação, que ilumina cada entendimento, trazendo um brilho único de esperança e renascimento, depois que se abre a janela".



Elizabeth recebendo a Medalha Manuel Beckman



Elizabeth Rodrigues com sua irmã Ceres Murad



Evandro Sarney Costa Neto e a mãe Elizabeth



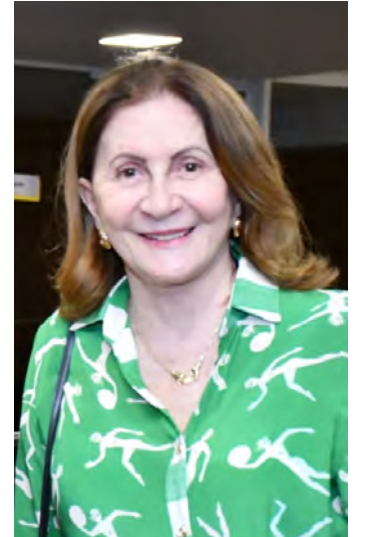
Elizabeth com o filho Evandro e os netos



Isabella e David Caracas



Deputado Wellington do Curso com as irmãs Ceres Murad e Elizabeth Rodrigues



Idelite Wanderley Martins



Ceres e Roosevelt Murad e as filhas Raissa e Rebeca com a homenageada Elizabeth Rodrigues



Márcia Buhatem fez um belo discurso, de mulher para mulher, para homenagear a amiga de infância Elizabeth



Elizabeth com os sobrinhos Éric e Rakele Murad



Graça Sampaio, Maria Luiza Miranda e Beth Soares



Elizabeth e a desembargadora Sonia Amaral Ribeiro



Empresário Juninho Luang e Elizabeth Rodrigues



O presidente da OAB-MA, Kayo Saraiva e o presidente da ACM, Antonio Gaspar

Fotos/Divulgação/Danielle Vieira



Evandro Sarney Neto entre Danielle Vieira e José Domingues Neto



Elizabeth Rodrigues, no Edifício Delacroix, com professores da UNDB



Eduardo Nicolau e Francisco Soares Reis



Denise e Gastão Vieira com a filha Fernanda



Graça e Osmir Sampaio, Elizabeth Rodrigues, Ricardo e Maria Luíza Miranda



Nazareth e Jurandy Leite com a filha Cecília



Meireles Junior, David Caracas e Rodrigo Lauande



Oton Lima, cantora Fabrícia, Isabella Caracas e Fernanda Vieira



Laura Amélia Damous e Elizabeth Rodrigues



Ceres Murad com as filhas Raissa e Rebeca



Alice Bezerra e Pedro Mirala



David e Emanuel Caracas e Gastão Vieira



Beth e José Jorge Leite Soares, Neto Evangelista e Ceres Murad



Isabella Caracas e Yara Carvalho



Lígia e Péricles Silva



José Jorge Soares, Valéria e Nelson Almada Lima e Joaquim Haickel



Elizabeth Rodrigues entre Francisco Soares Reis e Mozart Ramos (Conselheiro Nacional de Educação)



Deputados Neto Evangelista e Leandro Bello



Elizabeth Rodrigues, Sonia Amaral Ribeiro, Maria Olívia Borges Ferreira e Maria Luíza Miranda



Elizabeth com as cerimonialistas Elda Damasceno e Luciana



Elizabeth Rodrigues com as amigas Ana Elisa Pereira e Maria Olívia Borges Ferreira



Danielle Vieira e Nathalia Ramos (UNDB)



Cantor PP Junior



Rodrigo Lauande e Raíssa Murad



O presidente da FIEMA, Edilson Baldez, com o Repórter PH



André Ritter Martins, o Repórter PH, José Walter Maciel, Edilson Baldez e Pedro Robson Holanda da Costa

CONFRARIA EM ALTA

Em junho, as reuniões da confraria liderada por José Walter Maciel que se reúne às quintas-feiras no Restaurante do Senac tem registrado ótimas frequências.

A reunião da semana passada foi sucesso total, com antigo e novos participantes marcando presença em grande estilo.

Esses encontros resultam em troca de informações, boas e descontraídas conversas e interação com outras figuras que, vez por outra, passam por lá para saborear os deliciosos quitutes servidos.



Raquel Sousa, uma presença bissexta no restaurante



Desembargador José Bernardo e a secretária de Estado, Luzia Waquim, muito querida de todos



Nan Souza e Luiz Carlos Cantanhede Fernandes



José Ribamar Oliveira e José Walter Maciel



O Repórter PH com o publicitário Carlos Malmman



Claudete Ribeiro e uma amiga



Benjamin Franklin Alves e André Ritter Martins



Luiz Carlos Cantanhede Fernandes e Ribamar Oliveira



O PH com Pedro Robson, Edilson Baldez, Jorge Cateb Neto, Benjamin Franklin Alves, André Ritter Martins, José Bernardo, Nan Souza, Luiz Carlos Fernandes, Ribamar Oliveira e José Walter Maciel

Divulgação



Javier Esteban

O DIREITO DE FICAR BÊBADO

Enquanto no Brasil vigora uma lei de tolerância zero a quem, por exemplo, dirige após a ingestão de qualquer dose de álcool, o filósofo espanhol Javier Esteban defendeu, em entrevista recente ao jornal La Vanguardia, o direito de ficar embriagado, no sentido mais lato da palavra. "A embriaguez é um direito humano fundamental", diz Javier Esteban.

Mas como quem tem amigos não morre pagão, me mandaram a íntegra da entrevista assinada por Víctor-M. Amela, que reproduzo a seguir.

Javier Esteban tem 55 anos. Nasceu e vive em Madri. Licenciado em Filosofia e Direito, dirige a revista universitária "Geração XXI". É casado e tem duas filhas, Alma (10) e Sol (8). E se define como um excêntrico de centro. "Sou sufi: caminho para onde caminha o amor. O poder combate a embriaguez" – diz.

A entrevista:

Repórter - O que é a embriaguez?

Esteban - Uma expansão da consciência que descortina os véus que ocultam a realidade.

Repórter - Desde quando ela existe?

Esteban - Desde sempre. Até os animais se drogam com substâncias naturais, com frutos fermentados... Formigas, cabras, pássaros, macacos... Todos se extasiam e brincam!

Repórter - Então nós somos como os animais?

Esteban - Não, eles agem por um determinismo instintivo, mas nós temos liberdade! Liberdade para a embriaguez. Liberdade para experimentar com a nossa consciência.

Repórter - Liberdade para nos drogarmos?

Esteban - É o uso dessa liberdade que nos torna humanos! O direito à embriaguez, portanto, é um direito humano fundamental. "Que ninguém venha me dizer quantos copos de vinho eu posso beber", disse Aznar. Ele tem razão. Mas com certeza a droga favorita dele é o poder, como a de Zapatero...

Repórter - Nem Zapatero nem Rajoy nunca fumaram nem um baseado, conforme declararam.

Esteban - Por uma questão de geração, custa-me crer que Zapatero nunca tenha experimentado um baseado. É como se o pai dele nunca tivesse provado um copo de vinho!

Repórter - Quem é que coibe o direito humano à embriaguez, em sua opinião?

Esteban - A Igreja católica e o Estado (igreja laica), que querem fiscalizar a nossa consciência.

Repórter - Castigando os motoristas bêbados?

Esteban - Não, eu não me oponho a sancionar as condutas que são perigosas para terceiros. Mas critico o fato de que estão boicotando o autocontrole que temos de nossa consciência.

Repórter - Desde quando isso acontece?

Esteban - Começou com a destruição do templo grego de Eleusis, no século 4 d.C.

Repórter - Agora você foi longe!

Esteban - Desde o ano de 1.500 a.C., no contexto dos mistérios eleusinos, acontecia um ritual de embriaguez que cada grego vivia uma vez na vida, e isso lhes abria as portas da consciência.

Repórter - Em que consistiam esses mistérios?

Esteban - Eram rituais que aconteciam à noite. Em comunhão coletiva, eles ingeriam um enteógeno.

Repórter - O que é um enteógeno?

Esteban - A palavra significa "deus existe dentro de mim". É uma substância psicoativa capaz de induzir a uma experiência extática de unidade com o cosmos. Uma vivência da divindade.

Repórter - Que substância era ingerida em Eleusis?

Esteban - Uma sopa de cereal chamada "kikeon", que continha cornelho de centeio, um fungo com uma substância psicoativa idêntica ao LSD, o enteógeno mais poderoso conhecido.

Repórter - O que acontecia então?

Esteban - Cada um vivia a sua própria experiência de consciência expandida. Símbolos eram mostrados e cenas eram representadas para

guiar o indivíduo ao autoconhecimento.

Repórter - Era uma embriaguez ritualizada?

Esteban - Sim, fazia parte do sistema, em benefício da livre consciência de cada indivíduo. Isso foi varrido, destruído. Hoje sentimos falta disso, e nossos jovens, ignorantes, acabam causando danos a si mesmos em suas irrefreáveis tentativas de embriaguez.

Repórter - Quem destruiu esse ritual?

Esteban - Os bárbaros e os monges cristãos nestorianos, no século 4 d.C. A cultura ocidental ficou sem referência de embriaguez.

Repórter - Temos o vinho, o álcool...

Esteban - Não são enteógenos, são muletas úteis para nossas vidas insatisfatórias, escravizadas pelo rendimento econômico. E, em vez de expandir a consciência, a deixam turva.

Repórter - Um pouco de álcool pode cair muito bem.

Esteban - A verdade é que o veneno está na dose, como diziam os gregos.

Repórter - Que personagens ilustres sabiam disso?

Esteban - Toda a obra de Platão é uma crônica de embriaguez! Aqueles filósofos, assim como os xamãs, chegavam ao êxtase, assim também como os druidas e depois as bruxas, ou até mesmo os místicos, ébrios sem substâncias, que tanto inquietaram a Igreja. O poder estabelecido sempre combateu essas pessoas!

Repórter - Por que motivo?

Esteban - Não há nada mais dissolvente que o livre acesso à própria consciência! Por isso Nixon arremeteu contra os profetas do LSD (Hoffman, Junger, Michaux, Wason, Huxley, Kelsey, Leary...), cujas experiências alimentaram o feminismo, a militância ecológica, o pacifismo, os direitos civis... Nixon declarou guerra à consciência: quando começou a guerra contra a droga, começou a grande catástrofe.

Repórter - Que catástrofe?

Esteban - Milhões de presos, dezenas de milhares de mortos,

narcoditaduras, a terceira maior fonte de renda do mercado negro no mundo, camponeses com fome, multiplicação de politoxicomanias... A proibição da droga foi o maior erro do século 20!

Repórter - Você propõe eliminar a proibição?

Esteban - Por acaso a proibição evitou que nossas crianças estejam se metendo com drogas aos 13 anos de idade? Não! Pelo contrário: a proibição presenteia as máfias com um poder imenso.

Repórter - Um político colombiano já me disse isso...

Esteban - Muitos governantes já reconhecem o fracasso da praga proibicionista.

Repórter - Você faz a apologia das drogas?

Esteban - Das drogas não, mas da embriaguez. Qualquer pessoa maior de idade deveria poder consumir qualquer substância (com o limite único da liberdade de terceiros). E, veja só, Silicon Valley nasceu da embriaguez de pessoas como Bill Gates. Este sim admite que fumou alguns baseados!

Repórter - O que você diria a Zapatero?

Esteban - Que o direito à embriaguez é um direito inerente à liberdade de consciência, e que a lei deveria protegê-lo.

Místicos

Esteban contou que uma experiência lisérgica na mata lhe revelou que os pássaros e as abelhas trançavam, em unísono, uma dança que escrevia no ar a expressão árabe *Ilaha Ilalah* (não há mais realidade além da realidade).

Caídos os véus, a realidade era uma plenitude na qual não havia diferença entre ele e o mundo, uma experiência de simplicidade amorosa.

Depois disso, Javier Esteban escreveu "O Direito à Embriaguez" ("El derecho a la ebriedad", Editora Amargord), um panfleto em defesa do direito que as legislações feitas durante o século 20 consideraram um perigo. Esteban insiste: "Não defendo as drogas, mas sim o roubo, o êxtase, a embriaguez a que toda consciência tem direito". Esse estado ao que o místico chega sem precisar de nenhuma droga.

É tempo de São João

Quando junho desponta no calendário, no Maranhão é tempo de São João. Uma festa colorida e vibrante, que atrai maranhenses e turistas e movimentou uma extensa rede de negócios, gerando trabalho, renda e oportunidades em todo o estado.

"Não se trata apenas de uma festa. É algo que toca a alma e faz a gente se sentir parte daqui, vendo tanta beleza e cultura unidas para trazer alegria", comenta o professor paraense Gracindo Benedetti, que visita o Maranhão acompanhado da esposa, Ester. "Eu imaginava uma quermesse e descobri que é muito, muito mais", reforça ela.

Movido pela alegria e pela força das tradições populares, o São João de 2026 deve se consolidar como uma das maiores manifestações culturais do país e também como uma poderosa força econômica.

Projeções do Governo do Estado apontam para a superação dos R\$ 415 milhões movimentados no ano passado.

Parte desse volume econômico é gerado justamente pelos milhares de pequenos negócios que encontram na festa uma oportunidade de ampliar renda, divulgar produtos, fortalecer marcas e conquistar novos mercados.

Assim como o som marcante das matracas ecoa nos terreiros juninos, esse vigor reverbera na economia, alcançando desde o pipoqueiro, até vendedores ambulantes, artesãos, comerciantes, empreendedores da gastronomia e profissionais ligados ao turismo.

Oportunidades que se multiplicam

Tendo o São João como uma vitrine que vai além da tradição, os pequenos negócios encontram no festejo uma oportunidade única para ampliar vendas, estabelecer parcerias e conquistar novos clientes.

Como a festa rima bem com uma boa branquinha, a Cachaça Baronesa, por exemplo, aposta no período para fortalecer sua presença no mercado. Presente no Espaço do Empreendedor em um dos arraiais da cidade, a empresa vê no evento uma oportunidade estratégica.

"Este momento permite interações bastante assertivas, gerando contatos, vendas significativas e divulgação da nossa marca, um produto maranhense premiado, reconhecido nacionalmente e no exterior", afirma Veridiana Ayres, representante da Cachaça Baronesa.

Paulo Gustavo, da Nutbox, participante do Avança MEI e da Expo MEI, aposta no aumento da demanda e atração de mais clientes para expandir os negócios. O carro-chefe do negócio são as castanhas de caju oriundas de Barreirinhas, comercializadas em diferentes versões e embalagens.

Cuidadoso com a qualidade, apresentação e identidade visual do produto, ele comercializa cerca de 300 quilos de castanhas por mês. Durante o período junino, a expectativa é praticamente dobrar esse volume.

"A gente praticamente dobra essa venda, por isso o São João vale muito a pena", comemora Paulo.

Inovação e diferencial

Para muitos empreendedores, o São João também é uma oportunidade de inovar, agregar valor aos produtos e fortalecer o posicionamento da marca.

É o caso de Huthelles Meireles, que transformou o tradicional "suquinho" em uma experiência gourmet. Há quase nove anos no mercado, ela participa do Inova MEI e oferece mais de 20 sabores distribuídos entre as linhas Premium, Inclusiva (Zero Lactose), Saudável (Vegana e Zero Açúcar) e Alcoólica. No São João, ganham destaque sabores como licor de chocolate, caipirinha, piña colada e caipiroska de maracujá e morango, além do milho verde e paçoca.

Além das feiras e eventos, Huthelles atende empresas, instituições, buffets e eventos corporativos, apostando na personalização do produto. Nos arraiais, porém, a estratégia vai além da comercialização. "Vejo como uma oportunidade de posicionamento da marca. Busco parceiros, faço contatos, amplio a divulgação do produto e aproveito a excelente receptividade que o mercado tem demonstrado", conta.

Tradição renovada

Mas, se o São João preserva costumes e tradições centenárias, também inspira formas de expressão criativa e estimula a inovação como diferencial.

É o caso de Gêssica Tavares, idealizadora do Projeto Ditador, espaço colaborativo que reúne empreendedores da economia criativa no Rio Anil Shopping. Entre os produtos estão velas artesanais pintadas à mão e colares inspirados na figura do Cazumbá, criados em parceria com empreendedores locais.

"São João é festa, é vida, é alegria. É tempo de viver nossas tradições e expressar, com orgulho, a alma do Maranhão. É quando a criatividade ganha ainda mais espaço, valorizando nossa cultura e nossas riquezas. Isso impulsiona vendas, gera renda e nos dá energia para seguir em frente", afirma Tavares.

A artesã e costureira Yara Ferreira Lima, criadora da marca Tuta Bel, também vê no período junino uma oportunidade para fortalecer seu negócio. Natural de Balsas, ela produz roupas autorais, que expressam sua relação com amor, família e ancestralidade, além de bolsas e acessórios inspirados na cultura popular maranhense.

Neste ano, desenvolveu uma coleção exclusiva em chita pura e estonada, e souvenirs inspirados nas manifestações culturais do período.

"Nesse período há uma ampliação das vendas e uma maior visibilidade para os nossos produtos, o que fortalece o trabalho artesanal e gera novas oportunidades. Isso contribui para impulsionar os negócios e conquistar novos clientes", destaca.

Cultura e empreendedorismo

É nesse encontro entre cultura e empreendedorismo que o São João revela uma de suas faces mais transformadoras, mostrando que tradição e empreendedorismo caminham juntos nas estratégias de desenvolvimento local.

Segundo Marina Lavareda, gerente de Atendimento do Sebrae no Maranhão, a festa é uma oportunidade estratégica para os pequenos negócios. "O São João representa uma oportunidade sazonal de ouro. O apelo emocional e cultural impulsiona o consumo, a venda de produtos típicos e a adaptação de diferentes produtos ao tema junino", ressalta.

Para aproveitar esse potencial, ela recomenda ao empreendedor atenção à precificação, facilidades de pagamento, criação de combos temáticos, investimentos em experiência do cliente, decoração dos espaços, presença digital, fortalecimento das parcerias estratégicas e também destaca a importância de promoções capazes de movimentar estoques e ampliar o alcance das marcas.

Ela lembra ainda que as Unidades de Atendimento do Sebrae, na capital e no interior estão disponíveis para ajudar o empreendedor que busca melhores resultados na temporada junina e durante todo o ano.

Evandro Júnior
evandrojr@mirante.com.br

TAPETE VERMELHO

[_evandrojr](#)
[@evandrojr](#)



Quem trocou de idade na última quarta-feira (17) foi o escritor e tabelião Cristiano Sardinha, que celebrou ao lado da família e amigos. Sardinha é, também, colaborador do Portal Imirante, onde escreve artigos semanalmente. A pena do escritor também brilha no Blog do Evandro Júnior, hospedado no mesmo portal. No registro, Cristiano Sardinha aparece ao lado da esposa, Anna Karla



Restaurante Miramar fica na cobertura do Marcus Barbosa Intelligent Office, na Avenida dos Holandeses

RESTAURANTE MIRAMAR É EXPERIÊNCIA TURÍSTICA E GASTRONÔMICA EM SÃO LUÍS

Há apenas alguns meses em funcionamento, o restaurante Miramar já se consolidou como um dos locais mais disputados de São Luís. Instalado na cobertura do Marcus Barbosa Intelligent Office, no bairro Calhau, o espaço proporciona uma experiência que combina gastronomia refinada, arquitetura contemporânea e uma das vistas mais impressionantes da capital maranhense.

Instalado a 156 metros de altura, o empreendimento oferece uma visão privilegiada da Ilha de São Luís. Do alto, é possível contemplar praias, áreas urbanizadas, a Baía de São Marcos e o extenso horizonte da cidade. O cenário ganha ainda mais destaque durante o pôr do sol, quando as cores do céu transformam a paisagem em um verdadeiro espetáculo natural.

O acesso ao restaurante é feito por um elevador expresso que leva os visitantes diretamente à cobertura do edifício. A

estrutura foi planejada para proporcionar conforto, exclusividade e uma experiência diferenciada desde a chegada.

Além da vista panorâmica, o Miramar oferece um atrativo pouco comum na cidade: passeios turísticos de helicóptero. Com saídas realizadas a partir do heliponto localizado no topo do prédio, os voos permitem observar de uma perspectiva única as praias, o Centro Histórico e as belezas naturais que cercam a capital.

A proposta gastronômica é assinada pelo chef Marcelo Silva, que desenvolveu um cardápio inspirado na fusão entre os sabores tradicionais do Maranhão e a sofisticação da culinária mediterrânea. Entre os destaques está a clássica Peixada Maranhense, preparada com ingredientes frescos e apresentada de forma contemporânea. O menu também reúne frutos do mar, massas, carnes especiais e uma criteriosa seleção de vinhos nacionais e importados.



Luciana Marques, o presidente da OAB-MA, Kayo Saraiva, e Sandra Lúcia Leal (BRK)



Daniella Sandoval, vice-presidente de Regulação da BRK, e Luana Pretto, CEO do Instituto Trata Brasil



Hans Cutrim, Adriana Vieira e Elton Frederick



Ana Lúcia de Araújo (ANA), o gerente de Compliance da BRK, Rodolfo Mesquita, e Aline Monteiro

O III Seminário Estadual de Direito do Saneamento no Maranhão reuniu especialistas, autoridades e representantes do setor em São Luís para discutir a universalização do saneamento básico. Com foco em saúde, segurança jurídica e desenvolvimento sustentável, o evento destacou que o saneamento é essencial para a qualidade de vida, a preservação ambiental, a redução das desigualdades e a atração de investimentos.



Danielle Vieira, José Domingues Neto (Sedepe), Dionei Pereira, Werter Bandeira, a palestrante Adriana Vieira e Flávia Vasconcelos (Sebrae)



Rafael Trillo (BID Invest), professor Gesner Oliveira (FGV), Luciana Marques (IpeMil) e Luciene Machado (BNDES)



O presidente do Instituto BRK, Carlos Ramiro, Juliana Chequi, Pollyne Braga, juiz Pedro Pascoal (TJMA) e Marta Duarte



Fábio Nahuz (Sinduscon-MA), Márcio Ribeiro (Segov), Verônica Pires (Semispe) e Marcos Aurélio Freitas (Caema)



Juiz Douglas Martins, Daniela Sandoval, o procurador do Estado Edilson Lima e o promotor Cláudio Alencar



Advogadas e membros do IPEMIL: Lorena Saboya, Luciana Marques e Priscila Costa com Sandra Lúcia Leal

Fotos/Divulgação